



Café: Brasil serve sua tecnologia na bebida da população mundial

Uma em cada três xícaras de café consumidas no mundo tem origem brasileira, resultado obtido através dos investimentos em pesquisa, ensino e extensão

Paulo A. C. Kawasaki

Há anos, o Brasil se posiciona na vanguarda da cafeicultura global, sendo o principal *player* do mercado ao representar 35% do *market share*, liderar os rankings de produção e exportação e ocupar a segunda posição no consumo da bebida. Mas o planeta pouco sabe o que conduziu o País a essa frente moderna e que garante uma de cada três xícaras consumidas mundialmente.

Em 1990, com a extinção do Instituto Brasileiro do Café (IBC), o protagonismo brasileiro viu-se ameaçado, fato que estimulou o Governo Federal a criar e a implantar, em 1996, o Programa Pesquisa Café, que ficou sob coordenação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e tem, até hoje, sua execução realizada em parceria com instituições do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA), demais institutos

e universidades ligadas à ciência e à tecnologia, bem como aos segmentos do setor privado da cadeia produtiva.

Nesse contexto, em março de 1997, dez instituições envolvidas com estudos cafeeiros criaram o Consórcio Pesquisa Café. Passadas quase duas décadas da fundação, já foram executados mais de mil projetos, segundo informa Lucas Tadeu Ferreira, gerente adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Café.

“Esses trabalhos abrangem todas as áreas, passando por melhoramento genético; biotecnologias, como o sequenciamento completo do genoma do café; sistema para expressão dirigida de genes em raízes; sistema de expressão dirigida de genes em tecidos foliares e biofábricas para a obtenção de cultivares adaptadas às diferentes regiões produtoras do País; novas técnicas de plantio e condução da lavoura; nutrição mineral do cafeeiro; manejo de pragas e doenças; irrigação;

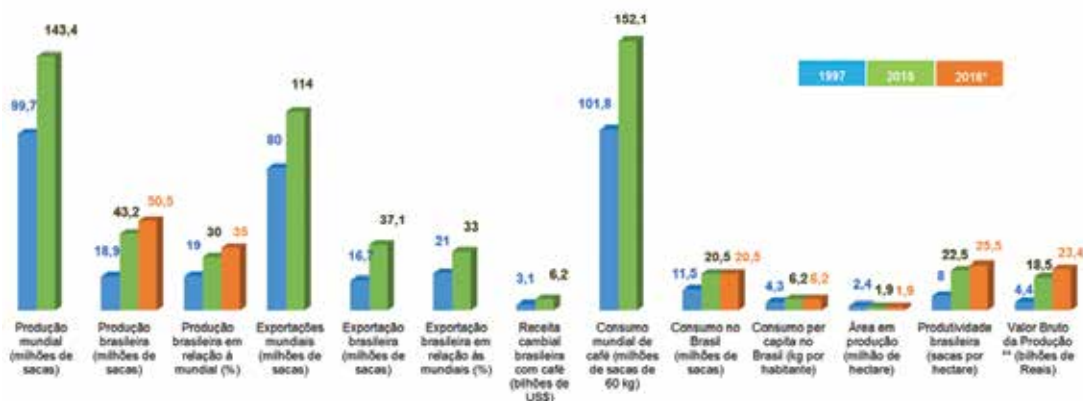
adubação orgânica; manejo de plantas invasoras; colheita; pós-colheita; e manejo sustentável, entre outras tantas desenvolvidas visando à sustentabilidade econômica, social e ambiental da produção cafeeira”, revela.

Um dos reflexos dessa união de esforços em pesquisa, ensino e extensão com os trabalhos desenvolvidos pelos demais elos da cadeia produtiva do café aparece no volume e na qualidade da produção brasileira. Em 1997, quando criado o Consórcio, o Brasil produzia, em 2,4 milhões de hectares, 18,9 milhões de sacas de 60 kg, com produtividade de 8 sacas por hectare. Hoje, a primeira estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta o volume médio da safra 2016 em 50,5 milhões de sacas – a segunda maior da história se confirmada –, a serem colhidas em 1,9 milhão de hectares, o que implica produtividade de 25,5 scs/ha.

Ou seja, a implantação do resultado dos estudos desen-



Evolução do setor cafeeiro a partir da criação do Consórcio Pesquisa Café em 1997
Comparativo dos dados de 1997 com 2015 e 2016*



* Estimativa / ** Valores nominais

volvidos gerou incrementos de 168% na colheita e de 319% em produtividade, e tudo isso em uma área dedicada ao cultivo do café 500 mil hectares menor. “Além disso, o Valor Bruto da Produção (VBP) saltou de R\$ 4,356 bilhões em 1997 para uma projeção de R\$ 23,438 bilhões em 2016, em termos nominais. Isso representa uma elevação de aproximadamente 540% nesse período”, destaca Ferreira.

O mercado internacional também reflete o avanço da cafeicultura brasileira como resultado dos esforços em estudos e tecnologia. No ano da fundação do Consórcio, o Brasil respondia por 19% da safra mundial, que foi de 99,7 milhões de sacas, de acordo com a Organização Internacional do Café (OIC). Atualmente, o País representa aproximadamente 35% do mercado global, que em 2015 trabalhou com o volume de 143,4 milhões de sacas colhidas. “Dessa forma, de cada três xícaras de café consumidas no mundo, atualmente uma é brasileira”, celebra o gerente adjunto da Embrapa Café.

Ferreira também ressalta o avanço produtivo e qualitativo alcançado, específica e individualmente, no cultivo das variedades arábica e conilon. “No

Brasil, em 2016, o café arábica representará 76,8% da produção total, algo entre 37,74 e 39,87 milhões de sacas, e o robusta os outros 23,2%, de 11,39 milhões a 12,08 milhões de sacas. No primeiro caso, a evolução alcançada se deve, principalmente, ao emprego das novas tecnologias citadas e também à incorporação de novas áreas que se encontravam em formação, além, obviamente, das condições climáticas mais favoráveis. Quanto ao café conilon, o resultado reflete, sobretudo, a recuperação da produtividade no Espírito Santo, Bahia e Rondônia, que decorre do emprego de novas tecnologias, como o plantio de café clonal e de outros investimentos realizados na modernização das lavouras”, explica.

As exportações brasileiras do produto surgem como ponto de evidenciação do avanço que os produtores conquistaram no campo, segundo o gerente adjunto da Embrapa Café. Em 1997, o Brasil vendeu para o exterior 16,7 milhões de sacas e, em 2015, 37,1 milhões de sacas, o que representa um acréscimo de 122%. Nesse mesmo período, as receitas dobraram, saltando de US\$ 3,1 bilhões para US\$ 6,2 bilhões. “Passados quase 20 anos, constata-se que os avan-

ços da cafeicultura brasileira são bastante significativos. O País vem mantendo o protagonismo como maior produtor e exportador de café e, ainda, conquistou a segunda posição no consumo em nível mundial, com 20,5 milhões de sacas por ano, ficando atrás apenas dos EUA com suas 23 milhões de sacas”, explica.

Ferreira anota, ainda, que essas conquistas só foram possíveis porque todas as pesquisas consideraram em seu desenvolvimento, direta e indiretamente, aspectos essenciais como produtividade, qualidade e competitividade, sustentabilidade ambiental e social, baixo custo, transferência e adoção de tecnologias, conjunto de fatores que realça a ação do Consórcio e mantém o Brasil como uma nação de referência na produção e na exportação de café. “Além disso, a evolução da cafeicultura brasileira também deve ser atribuída aos mais de 300 mil cafeicultores e demais entidades ligadas ao setor, que têm adotado as tecnologias geradas e sinalizado a necessidade de novas pesquisas para atender aos diferentes mercados”, completa. ☕

* O Consórcio Pesquisa Café foi fundado por Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural - Incaper, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - Epamig, Instituto Agrônomo de Campinas - IAC, Instituto Agrônomo do Paraná - Iapar, Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro - Pesagro-Rio, Secretaria de Apoio Rural e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - SARC/Mapa, Universidade Federal de Lavras - UFLA e Universidade Federal de Viçosa - UFV.

